

Mulher e Imprensa no Rio Grande do Norte: do manuscrito ao impresso ¹

Manoel Pereira da ROCHA NETO²
Laís Karla da Silva BARRETO³
Isabel Cristine Machado de CARVALHO⁴
Cíntia dos Reis BARRETO⁵

Universidade Potiguar, Natal, RN

Resumo

O presente artigo tem como objetivo reconstituir e traçar o perfil histórico de alguns dos principais periódicos produzidos por mulheres na imprensa norte-rio-grandense na primeira metade do século XX. Está vinculado ao projeto de pesquisa intitulado Mulheres jornalistas: formando a imprensa norte-rio-grandense (século XX). Para a realização deste trabalho foram desenvolvidas pesquisas em acervos públicos e particulares como o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte; O solar João Galvão de Medeiros Filho; entre outros. Selecionamos os principais jornais, e realizamos uma análise do seu conteúdo e do estilo gráfico. Nessa busca destacam-se: A Esperança (1903), Via Láctea (1914-1915); e o Jornal das Moças (1926-1932). Os jornais investigados são relevantes pelo fato do caráter desbravador de uma imprensa feminina que estava se esboçando e pelo interesse de mulheres em experimentar o novo meio de informação social.

Palavras-chave: Periódicos; historiografia; mulheres; pioneirismo.

O presente artigo possibilita-nos situar o tempo e o espaço em que esses jornais circularam, trazendo à tona os costumes da nossa sociedade, e para a história da imprensa do Rio Grande do Norte. A presente pesquisa também visa fomentar a pesquisa e a recuperação de jornais impressos norte-rio-grandenses, com destaque para os produzidos por mulheres que desapareceram ao longo do tempo (Século XX). Essa prática de reconstituição já vem sendo realizada no curso de Comunicação Social, habilitação de Jornalismo na Universidade Potiguar desde 2008.

Com a realização desta pesquisa desejamos, além de preencher a lacuna representada pela escassez de textos sobre o tema, incentivar o prazer pela pesquisa

¹ Trabalho apresentado no GP História do Jornalismo do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Educação, professor da Escola de Comunicação e Artes e do Mestrado Profissional em Administração da Universidade Potiguar -UnP, e-mail: manupereira@unp.br.

³ Doutora em Estudos da Linguagem, professora da Escola de Gestão e Negócios e do Mestrado Profissional em Administração da Universidade Potiguar -UnP, e-mail: laisbarreto@unp.br.

⁴ Mestre em Educação e professora da Escola de Comunicação e Artes da Universidade Potiguar-UnP, e-mail: isabelcristine@unp.br.

⁵ Mestre em Administração e professora das Escolas de Comunicação e Artes e Escola de Gestão de Negócios da Universidade Potiguar-UnP, e-mail: cintiabarreto@unp.br.

histórica, contribuindo para a historiografia da imprensa norte-rio-grandense e, com isso, uma efetiva a interpretação dos dados coletados, construindo indicadores capazes de balizar o trabalho dos historiadores e dos cientistas da comunicação no Estado.

Em busca dos arquivos percorremos e pesquisamos em diversos locais como, por exemplo, no acervo de Manoel Rodrigues de Melo, localizado no Solar João Galvão de Medeiros, em Natal (RN), em bibliotecas, como a Biblioteca Central da Universidade Federal do Rio Grande do Norte Zila Mamede; Biblioteca da Universidade Potiguar, Campus da Nascimento de Castro; Arquivos particulares e arquivos de jornais da cidade como o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHG/RN).

No Brasil, o ápice da imprensa feita pelas mulheres aconteceu no período de 1850 a 1910. Nesta época, os impressos direcionados para as mulheres ganhavam espaço na imprensa, principalmente na carioca, onde jornais como O Jornal das Senhoras (1852), Belo Sexo (1862), Biblioteca das Senhoras (1874), O Bisbilhoteiro (1889), Eco das Damas (1879-1882), Recreio do Belo Sexo (1856), Recreio das Moças (1876-1877), O Direito das Damas (1882) e tantos outros, circularam no Rio de Janeiro (MORAIS, 2002, p.69).

Segundo Buitoni (1986, p.37), o primeiro jornal de caráter feminino no Brasil nasceu no Rio de Janeiro e chamava-se O Espelho Diamantino (1827). Este periódico continha política, literatura, belas-artes e modas. Em Recife, surgiu o possível segundo periódico feminino brasileiro, denominado O Espelho das Brasileiras (1831). Outros se seguiram: Jornal de Variedades (1835), Relator de Novellas (1838).

No Rio de Janeiro surgiu, em 1839, o jornal semestral Correio das Modas (1839-1841) da casa Laemmert, com bastante Literatura, crônica de bailes e teatros e figurinos pintados à mão, oriundos da França. Eram os primeiros passos da participação da mulher na imprensa brasileira.

No Rio Grande do Norte as mulheres atuaram na imprensa desde o final do século XIV com a presença de Úrsula de Barros, no Jornal O Rio Grande do Norte (1890) e depois criaram seus próprios periódicos como o jornal manuscrito A Esperança (1903).

Jornal A Esperança (1903): uma folha manuscrita

Jornal feminino manuscrito que circulou durante a primeira década do século XX, em Ceará-Mirim, no Rio Grande do Norte. A justificativa apresentada por Gomes (1999)

para escolha deste objeto de estudo se deu por “considerá-lo um projeto de vanguarda, apesar de suas redatoras apresentá-lo com uma folha (que nem título merece) para ser lida somente pelas pessoas amigas” (GOMES, 1999, p. 09).

Com um jornal, um grupo de moças Adelle de Oliveira, Etelvina Antunes, Maria Carolina de Araújo Maciel, liderado pelas duas professoras escritoras Maria Dolores Bezerra Cavalcanti e Izaura Carrilho, ambas editoras do jornal, assumia publicamente o compromisso de divulgar a produção literária feminina local. Circulava como um veículo noticioso e periódico, de tiragem mensal, contendo novidades, constituído de folhas soltas dobradas em forma de caderno. A leitura do jornal, segundo Gomes (1999), se deu em três dimensões:

Histórica, quando traçamos sua trajetória; comunicativa, ao tratar da produção coletiva e social do jornal e na dimensão educativa, ao perceber no jornal, a preocupação de promover, através do incentivo à leitura, uma participação feminina no contexto social e cultural local (GOMES, 1999, p. 09).

A edição do Jornal ‘A Esperança’, em 1903, representa uma espécie de abre-alas para as produções de jornais femininos, manuscritos, que circulavam em 1909, na cidade de Caicó, a exemplo de A Distração, editado por Alzira Monteiro, Quininha Gurgel, e Maria Bezerra; A infância, produzido por Tudinha Nóbrega. Além desses títulos, Gomes (1999) nos apresenta o registro de lançamento de três jornais na cidade de Ceará-Mirim, que circulavam na primeira década do século passado, entre eles O Sonho, editado pela professora Adelle de Oliveira. O espaço de atuação de Dolores Cavalcanti, Izaura Carrilho e das outras redatoras e colaboradoras foi o município de Ceará-Mirim. Ao configurar este espaço, Gomes (1999) nos faz reconhecer a movimentação política e social daquela cidade.

As produtoras do jornal A Esperança, sujeitas datadas e situadas em seu tempo e espaço, descrevem no jornal o dia a dia da cidade onde viviam e produziam o periódico. Trazemos como exemplo o texto intitulado 8 de dezembro, de 23 de dezembro de 1904. Nele, a redatora descreve com riqueza de detalhes a solenidade em homenagem à Padroeira da Cidade Nossa Senhora da Conceição, revelando a religiosidade da população que compunha a sociedade local.

Destacamos outro aspecto representativo. Agora sobre a zona rural do município. Está no texto Oito dias na roça (15 de abril de 1909). Nele, a redatora descreve sobre sua estadia em uma fazenda nos arredores da cidade. Dentre tantos aspectos representativos que configuram a cidade, podemos destacar o próprio lançamento de A Esperança, em 25 de março de 1903:

Um jornal feminino no seu sentido mais amplo, produzido por mulheres e destinados às mulheres, tratando de assuntos de interesse das próprias mulheres e revelando leitoras que trocavam experiências através dessas práticas de escrita (GOMES, 1999, p. 62).

Sobre a relação produtoras-leitoras, ressaltamos a participação coletiva na produção do jornal, efetivada pelas cartas dos leitores. As mensagens eram recebidas de forma avulsa ou através de seções criadas para estabelecer o diálogo. Foram criadas as seções: Carta a uma amiga; Colaboradores; Carta aberta. “Com as cartas à redação as jovens letradas de Ceará-Mirim aproximavam-se do jornal, não apenas para elogiar e dar incentivo às produtoras, mas também para oferecer suas contribuições, passando à condição de leitora-produtora” (GOMES, 1999, p. 97).

Traçando um perfil do jornal A Esperança, identificamos uma linguagem suave e amena. As redatoras expressam seus pensamentos e sentimentos de forma tímida e singela, conforme o texto de apresentação do jornal, assinado sob o pseudônimo de Honorina (GOMES, 1999, p. 62).

O jornal passou por uma crise inicial por falta de matérias para publicação. O mesmo deixou de circular no mês de julho de 1905, reaparecendo em 30 de agosto do mesmo ano. No texto Pela esperança, uma das redatoras justifica a interrupção das edições e renovam o compromisso de continuarem com a produção do informativo.

O jornal A Esperança, além de textos informativos que estão manuscritos na primeira página, publicava notas sociais avulsas e assinada pela pessoa que enviava a mensagem de saudação. Durante os anos de 1904 e o ano seguinte, 1905, as saudações foram substituídas por poucas notas sociais que intitulavam Notícia, para divulgar e registrar os aniversários, casamentos, batizados, noivados, viagens, primeira comunhão e outros acontecimentos sociais.

Apesar de ser artesanal, A Esperança apresentava um simples esboço de um projeto editorial e gráfico durante o período de circulação. Durante o período de circulação o jornal teve poucos avanços no aspecto gráfico.

Em 21 de novembro de 1909, as editoras demonstram maturidade ao incluir em suas matérias temas mais concretos como educação, trabalho, e o papel da mulher na sociedade.

Ao todo foram produzidos 54 exemplares. De acordo com a coleção pesquisada, nem sempre foi possível manter a periodicidade mensal verificada pela falta de alguns

exemplares, às vezes justificada em matérias da edição seguinte, deixando a impressão de descontinuidade nas edições.

Revista Via-Láctea (1914-1915)

Na intenção de reconstituir parte da história dos impressos femininos, destacamos a iniciativa jornalística de duas moças letradas da sociedade natalense: Palmyra Wanderley, na época aos vinte anos, juntamente com sua prima Carolina Wanderley, não imaginava, decerto, que ao produzir, dirigir, editar e fazer circular a revista literária Via-Láctea (1914-1915), em Natal, estivesse contribuindo para a história do jornalismo no Estado. No entanto, quando resolveram enveredar no campo jornalístico, realizando o anseio de uma geração de mulheres dispostas a contribuir na formação intelectual e letrada da cidade, acabaram por consolidar um espaço nos domínios do jornalismo.

No primeiro número da revista que circulou em novembro de 1914, a redatora Fanette, pseudônimo de Carolina Wanderley, revela aos seus leitores como surgiu a ideia da revista:

Em Natal assola atualmente a febre dos jornais. Raro é o domingo que a voz dos garotos não nos anuncia um novo jornal. Foi participando dessa influência da época, que uma noite convidei a Myriam⁶, para fundarmos um jornal: seria manuscrito e apenas sairia aos domingos que nós mesmas leríamos (VIA-LÁCTEA, 1914, p. 4).

A iniciativa, a princípio, tímida e sob forte influência da efervescência dos jornais, que cresciam e circulavam a todo momento pelas ruas da cidade, acaba ganhando proporções mais audaciosas. De jornal, a Via-Láctea passou à revista:

Já me esquecera da Via-Láctea, quando uma tarde soube da surpresa que minha amiga resolvera transformá-la numa revista e publicá-la brevemente. Tinham-lhe prometido encarregar-se da parte material; animaram-na e ela decidira mesmo ser fundadora da primeira revista de senhoritas, na Capital (VIA-LÁCTEA, 1914, p. 4).

Surgia, então, uma revista impressa em papel tamanho ofício, de publicação mensal, de oito páginas, com duas colunas em cada uma delas. Quase não apresenta seções fixas nem obedece a uma diagramação rígida. Porém, já existe alguma preocupação com o

⁶Apesar das pesquisadoras Constância Lima Duarte e Diva Cunha não identificarem o pseudônimo de Myriam como utilizado por Palmyra Wanderley, indícios apontam esta relação, uma vez que “a execução do projeto” pertence à Palmyra e Carolina Wanderley.

discurso gráfico, tendo em vista a variação e o tamanho do corpo (letra) em uma mesma página e a disposição dos textos em busca de equilíbrio visual. Nas oito edições não se encontram ilustrações de apoio para dinamizar a página. No entanto, as editoras Palmyra e Carolina Wanderley colocaram molduras, em determinadas páginas, com o objetivo de delimitar o espaço das matérias.

Nascia, em outubro de 1914, o primeiro veículo impresso feminino em terras potiguares, configurando uma publicação inovadora, uma vez que muitos periódicos eram manuscritos⁷. Para Gomes (1999, p. 63),

ao mesmo tempo em que os jornais noticiosos cresciam, nas grandes cidades, organizando-se como empresas jornalísticas e incorporando avanços tecnológicos como o telégrafo, telefone, e a fotografia através do sistema de clichê, as revistas culturais brotavam juntamente com os jornais literários, estudantis, operários e os jornais femininos.

A primeira página da *Via-Láctea* permaneceu inalterada nos oito exemplares que foram encontrados, estando na parte superior da revista, a data de publicação e o número da edição. Logo abaixo, um cabeçalho para identificação formado pelo título em maiúsculas arredondadas; seguido do subtítulo *Religião, Arte, Ciência e Letras*.

Ainda, na primeira página encontramos poemas de vários autores como Américo Falcão, Olavo Bilac, Eugênio Leonel, Humberto Campos e Auta de Souza. Esses sonetos de abertura eram segregados do expediente, pois nele constava também os nomes das responsáveis pela edição, que inicialmente era constituído por oito moças da sociedade de Natal: Palmyra Wanderley, Carolina Wanderley, Stella Gonçalves, Maria da Penha, Joanita Gurgel, Anilda Vieira, Dulce Avelino e Stellita Melo. A partir do número cinco, que data de fevereiro de 1915, o grupo foi ampliado com a participação de Cordélia Silva e Sinhazinha Wanderley.

Mostrando conhecer o funcionamento e distribuição das categorias dos jornalistas, elas se organizavam em editoras, redatoras e colaboradoras. Palmyra e Carolina Wanderley eram as editoras e redatoras. Elas revisavam e selecionavam o material que seria publicado

⁷ Cito como exemplos os jornais femininos manuscritos *A Esperança* (1903), editado por Dolores Cavalcante em Ceará-Mirim, *A Distração* (1909), editado por Alzira Monteiro, Quininha Gurgel e Maria Bezerra; e *A Infância* (1909), produzido por Tudinha Nóbrega, ambos na cidade de Caicó. De acordo com Gomes (1999), apesar de pequenos e singelos, esses jornais representavam experiências significativas pelo espírito empreendedor de mulheres que, de forma particular, superavam a timidez e a falta de recursos tecnológicos com a riqueza de expressão literária e a forma singular de produzir jornais.

na revista, bem como produziam os principais textos. As demais jovens atuavam como colaboradoras.

Apesar de seus nomes estarem expostos na capa das revistas, os artigos e as crônicas produzidas por elas eram, quase sempre, assinados com outros nomes, tais como Fanette, Dinah da Costa, Ângela Marialva, Jandyra, Selene, Mirthô, Li Lá, Masako, entre outros nomes. Uma das colaboradoras, Dinah da Costa, na coluna *Prosas ligeiras*, da edição n. 4, mostra-se temerosa e admite que “envolvida pela obscuridade do pseudônimo”, tem “rápidos assomos de coragem”, permitindo “um forte impulso a pena”. Nesses fragmentos, percebo o conflito vivenciado por esta mulher quando ousa buscar nos impressos um novo caminho de escrita. Com o surgimento dos jornais femininos, as mulheres acabam conquistando um espaço que antes lhe era negado.

Acostumada a escrever no refúgio do lar, agora ela se depara com a possibilidade de uma escrita pública. Morais (2002) mostra que, convidada a participar dessa festa - escrever para a redação de um jornal -para a qual não era convidada, a leitora treme e se assusta.

Diante de tanta pressão e responsabilidade, o refúgio dos pseudônimos e anonimatos parece ter sido uma maneira de minimizar os conflitos internos. Woolf (apud MORAIS, 2002, p. 70) lembra que “todas as mulheres vítimas do conflito interno, como provam seus escritos, buscavam inutilmente esconder-se atrás de nomes de homens”. Entretanto, o uso de pseudônimos era uma prática cultural da época. Não eram apenas recursos utilizados pela leitora comum e pela escritora. Eram fartamente adotados também entre os escritores e leitores.

Diferentemente das diversas publicações produzidas para o público feminino, principalmente, as editadas por homens que abordavam uma temática de entretenimento como dicas de culinárias, correio sentimental, conselhos de beleza, a *Via-Láctea* tinha outros propósitos: estimular a mulher a adentrar no universo das letras, de instruí-la e de conscientizá-la dos direitos que possui.

Os textos produzidos na *Via-Láctea* estão escritos em prosa ou poesia. Em prosa, o aspecto predominante abordado é a veiculação de conteúdos sobre a condição da mulher. Palmyra Wanderley é responsável, em grande parte, por alguns deles. Preocupada com a educação da mulher daquela época, na quinta edição da revista publica o texto intitulado *A emancipação da mulher* e no sexto número escreve o artigo *A educação da mulher*. Ambos assinados pelo pseudônimo Ângela Marialva. Este tema aparece na seção intitulada *Prosas*

ligeiras, onde também são publicadas notas acerca de acontecimentos locais e breves comentários sobre a Via-Láctea. Essa seção esteve presente, da edição número um ao número quatro, ocupando o espaço da última página.

A publicação era distribuída nas bancas da cidade, como também as assinaturas de seus exemplares. No primeiro número da revista, as redatoras esclarecem aos leitores que “quem não devolver esta revista dentro de 5 dias, será considerado assinante”. O número avulso valia 400 contos de réis. As assinaturas para o interior, custavam 3 mil contos de réis, com duração de seis meses. Para a capital, valia mil e quinhentos contos de réis e durariam três meses. Até a quarta edição, as correspondências eram dirigidas à rua da Conceição, n. 19, na Cidade Alta. A partir do quinto número, elas passaram a ser entregues na rua Vigário Bartolomeu, nº. 5, situada no mesmo bairro.

A revista para continuar circulando precisava de mais apoio das colaboradoras, uma vez que boa parte das matérias publicadas eram produzidas por elas. Carolina Wanderley, preocupada com a escassez de colaborações, publica um texto direcionado às suas colaboradoras. Na verdade, um desabafo em que lamenta o pequeno envolvimento e pede para que elas não deixem terminar o empreendimento. No entanto, o esforço dispensado pela redatora, na tentativa de sensibilizar suas companheiras a continuar na missão de divulgar e incentivar a educação das mulheres, parece ter sido em vão. “Com o passar do tempo, as colaborações vão diminuindo, o que provoca a suspensão temporária da revista no número oito” (DUARTE; MACÊDO, 2003, p. 23).

Assim, mesmo diante das dificuldades, principalmente pela ausência de colaboradoras, Palmyra e Carolina Wanderley conseguiram produzir um total de oito números, circulando de outubro de 1914 a junho de 1915, deixando de sair apenas no mês de abril. Entretanto, novas pesquisas realizadas na imprensa por Duarte e Macêdo (2003, p. 18) atestam que “mais alguns números — pelo menos quatro — foram publicados”. Infelizmente, não tive acesso aos últimos exemplares que circularam posteriormente. O material reunido e publicado na Via-Láctea revela as vozes silenciadas pelo tempo, as dificuldades e a trajetória dessas mulheres em busca de novos horizontes. Apesar do pouco tempo de vida, a publicação possivelmente influenciará os próximos veículos direcionados ao público feminino, como por exemplo, o “Jornal das Moças” (1926-1932), em Caicó.

Jornal das Moças (1926-1932): a vanguarda no sertão norte-rio-grandense

O jornal era uma publicação semanal e dedicada ao interesse da mulher. Sua circulação iniciou-se no dia 07 de fevereiro de 1926, na cidade de Caicó, no Rio Grande do Norte. Além de editado pela professora Georgina Pires e gerenciado por Dolores Diniz, o periódico contava também com as redatoras Júlia Medeiros, Santinha Araújo, Maria Leonor Cavalcante, Julinda Gurgel, como também várias moças da sociedade caicoense.

Esse grupo de mulheres se propunha escrever sobre literatura, humorismo e críticas com relação à condição da mulher na sociedade norte-rio-grandense. Colaboravam também para o jornal os senhores Renato Dantas, Janúncio Bezerra da Nóbrega e José Gurgel de Araújo. A folha enquadrava-se nos padrões dos grandes jornais da época no estado, no que se refere às técnicas gráficas, como por exemplo, os periódicos A República, de Natal, e o Jornal do Seridó (1927-1929) de Caicó, entre outros.

Do tipo tablóide, com 28 cm de largura por 38 cm de altura, com cerca de três colunas em cada página – as primeiras edições tinham o formato de duas colunas apenas – e impresso em papel jornal, com folhas soltas dobradas em forma de caderno, o periódico mantinha uma redação permanente e sua distribuição era avulsa nas bancas e por assinatura. Essas assinaturas tinham “os seguintes valores; anual: 10 mil réis; semestral: 8 mil réis; trimestral: 4 mil réis e a venda avulsa, 200 réis” (MELO, 1987, p.28).

Fato esse inédito para um jornal feminino no Rio Grande do Norte, visto que os jornais editados por mulheres, em sua grande maioria, eram manuscritos, ao passo que o tablóide de Caicó já utilizava técnicas jornalísticas, como a diagramação.

O impresso extrapolou as fronteiras do município de Caicó, abarcando um número maior de leitores no estado era alvo de elogios em outros veículos de comunicação. A edição do “Jornal das Moças” datada de 04 de abril de 1926, publica uma nota veiculada no “Jornal do Sertão”, editado na cidade de Patos, na Paraíba:

Recebemos a gentil visita do “Jornal das Moças”, mimoso porta-voz das inteligentes filhas de Caicó, no vizinho estado do norte. O Jornal das Moças, cujo corpo redacional é composto por Georgina Pires, Dolores Diniz, entre outras senhorinhas, traz seleta colaboração que auto-proclama o amor das moças caicoenses pelas causas do espírito [...]. O interessante semanário apresenta feição material muito atraente (JORNAL DAS MOÇAS, 04/04/1926, p.2).

A imprensa da capital norte-rio-grandense também fez registro do jornalzinho nas suas páginas, através do jornal A Imprensa, diário dirigido por Luís da Câmara Cascudo. A edição do Jornal das Moças de 18 de abril de 1926 registra:

“A Imprensa”, de Natal, importante diário dirigido pelo brilhante intelectual patricio Dr. Luís da Câmara Cascudo [...], publicou após receber a edição de número quatro do nosso jornalzinho: “Visitou-nos o número 4 do Jornal das Moças, órgão literário, humorístico e crítico que se publica em Caicó, sob a direção e gerência de nossas ilustres confeitarias Georgina Pires e Dolores Diniz. O Jornal das Moças é bem feito, e apesar de pequenino traz leitura variada, abordando assuntos de valor (JORNAL DAS MOÇAS, 18/04/1926, p.4).

Nas páginas do Jornal das Moças eram publicadas curiosidades da cidade, artigos e crônicas de interesse feminino, literatura, poesias, pensamentos, colunas sociais, acontecimentos da sociedade caicoense, amenidades em geral, notas diversas e questionamentos sobre a condição da mulher na sociedade.

Na sua edição inaugural, o periódico publicou na primeira página um artigo intitulado o Jornal das Moças, assinado por Renato Dantas, um dos poucos colaboradores do sexo masculino. O mesmo versa sobre a importância daquele jornal:

Será este um semanário de caráter independente, noticioso, e contará com assídua colaboração das nossas conterrâneas. Como se trata de um órgão fundado por moças de nossa melhor sociedade, certo ele trará ensejo para o desenvolvimento da mulher caicoense, que já se há afirmando propendente às lides jornalísticas. Caicó está, portanto, de parabéns com a criação do Jornal das Moças (DANTAS, 1926, p.01).

Percebe-se a importância do impresso que acabara de nascer, tornando-se o veículo das idéias e opiniões das moças caicoenses. Esse jornal possuía como epígrafe: Literatura, humorismo e crítica, que traduzia o tripé de sua linha editorial. Ao analisar diversos exemplares, percebo que era comum o uso de notinhas e pensamentos de caráter crítico, relacionados ao comportamento masculino. As editoras faziam uso desses artifícios para completar a diagramação do jornal e também como forma de estimular e divulgar as assinaturas daquele periódico:

A mulher é o símbolo da alegria e da paz; a formosura de todas as formosuras; o homem é uma criança traquina e volúvel, que se deixa arrastar ao impulso de um pequeno capricho (JORNAL DAS MOÇAS, 23/02/1926, p. 4).

O homem tem três caracteres: o que tem, o que mostra e o que pensa ter. A mulher, pelos seus sentimentos de bondade, apresenta caracteres que não se podem descrever (JORNAL DAS MOÇAS, 31/07/1926, p. 2).

Assine o Jornal das Moças, ele estimula o desenvolvimento intelectual dos seus filhos (JORNAL DAS MOÇAS, 15/08/1926, p.3).

O jornal caicoense não inova apenas na linha editorial e na sua forma gráfica. Havia também no impresso uma página de anúncios, que circulou de fato, após três meses da sua fundação. Investigando os exemplares daquele período, percebo que isso aconteceu a partir da edição de 23 de maio de 1926.

Com a boa aceitação e a circulação nas grandes rodas sociais da cidade, causando curiosidade e admiração das moças e senhoras, o comércio de Caicó encontrou nas páginas do Jornal das Moças o meio ideal para divulgar seus produtos para o segmento feminino. Eram veiculados anúncios de lojas de fazendas finas, de chapéus, de guarda-sol e adornos para tornar mais bela da cidade. Endereços da moda e da elegância como a Casa da Torre, Casa Dias & Araújo, Casa Soares Araújo e Loja Avenida e até serviços odontológicos do cirurgião Dentista J. Freire e do produto Dentefácil, vendido na Farmácia Gurgel. Esses anúncios circularam a partir da edição de 23 de maio de 1926.

Instalada em prédio confortável, chama a atenção da distinta família caicoense para o variado sortimento de fazendas finas, artigos da última moda: charmeuse, crepes da China, voiles bordados, organdys bordados [...] lindo sortimento de chapéus, última novidade para senhoras, senhoritas e homens. Uma visita à loja Avenida é economizar dinheiro e comprar com satisfação.

O dentista J. Freire, cirurgião dentista pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, possuindo completo instrumental de gabinete e prótese, pratica com absoluta segurança: dentaduras duplas, coroas de porcelana sintética, ouro e platina, blocos e incrustações a ouro e porcelana. Extrações sem dor, etc.

Dentefácil, preparado exclusivamente do Dr. Sabino Pinho, premiado em várias exposições do estrangeiro e também com medalha de ouro, no centenário da Independência do Brasil. Facilita a dentição e torna as crianças alegres, sadias, fortes, robustas e bem dormidas. Não sendo do Dr. Sabino é falso. Vende-se na Farmácia Gurgel (JORNAL DAS MOÇAS, 23/05/1926, p.3).

Estes anúncios configuram não apenas o hábito da mulher caicoense em vestir-se elegantemente nos eventos sociais, mas também o costume de usar dentes de ouro e porcelana, como forma de ostentação.

Uma página inteira para anúncios e a frequência dos citados anunciantes caracterizavam o prestígio que o Jornal das Moças detinha na sociedade local. Os anúncios viabilizaram a circulação da folha até meados dos anos de 1930. Com o sucesso do jornal,

a mulher de Caicó, teve oportunidade de escrever sobre assuntos de seu interesse. A edição de 28 de fevereiro de 1926, por exemplo, retratava, em uma nota intitulada Colaboração, a vontade e a participação efetiva das moças em colaborar com a folha:

Diante do pequeno espaço para acolher a colaboração distinta das nossas muitas amigas, não publicaremos nenhum artigo que exceda a duas tiras de papel almaço. Pedimos também, às distintas colaboradoras, escreverem seus artigos com letra bem legível. Portanto, para que nenhuma fique zangada conosco [...]. (COLABORAÇÃO, 1926, p.3).

Nesse contexto, as mulheres reverberavam pelo ‘jornalzinho’ suas ideias, pensamentos e seus movimentos culturais. Elas começaram a produzir e participar na imprensa norte-rio-grandense, de modo mais abrangente.

O sucesso do semanário feminino perdurou até o ano de 1932. Segundo Monteiro (1999, p.82), ao suspender a circulação do jornal, naquele ano, suas dirigentes deram um balanço no caixa e encontraram um saldo de 120 mil réis, que foi assim distribuído: 100 mil réis para os pobres da localidade de São Vicente e 20 mil réis para Manuel Rodrigues Filho, o tipógrafo do jornal.

Considerações Finais

Enveredar na pesquisa historiográfica e reconstituir trajetórias e práticas jornalísticas de mulheres na imprensa do Rio Grande do Norte do Norte não é tarefa fácil. Na busca das fontes, dos sujeitos que participaram e atuaram para escrita de dessa história, considerada subalterna pela historiografia tradicional, requer do pesquisador um olhar e uma interpretação contextualizada e configurada de um determinado período histórico.

Da leitura dos jornais é possível configurar e investigar sobre essas mulheres, consideradas anônimas pela História tradicional, mas que dentro de um dado período e local também fizeram suas histórias. Uma História à margem da historiografia oficial, mas que configurada neste artigo demonstra interesse por novas conquistas sociais por meio de sua atuação na imprensa norte-rio-grandense.

Os jornais investigados são relevantes pelo fato do caráter desbravador de uma imprensa feminina que estava se esboçando e pelo interesse de mulheres em experimentar o novo meio de informação social. Revisitar as páginas desses periódicos possibilitou o reconhecimento da imprensa feita por mulheres, além de transformá-los em fontes

históricas que servem como referencial para a compreensão das práticas de mulheres jornalistas que contribuíram para a formação da imprensa norte-rio-grandense, desde as folhas manuscritas até os jornais com técnicas de impressão e diagramação consideradas modernas para aquela época.

REFERÊNCIAS

BUITONI, Dulcília Schroede. **Imprensa feminina**. São Paulo: Ática, 1986. (Série Princípios).

COLABORAÇÃO. Jornal das Moças, Caicó, 28 fev. 1926.

COUTINHO, Maria Lúcia Rocha. **Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

DANTAS, Renato. O Jornal das moças. Jornal das Moças, Caicó, 7 fev. 1926.

DUARTE, Constância Lima; MACÊDO, Diva Maria Cunha Pereira de. **Via-Láctea: de Palmyra e Carolina Wanderley: Natal, 1914 – 1915**. Natal: Editora NAC, CCHLA/NEPAM, Sebo Vermelho, 2003.

FERNANDES, Luiz. **A imprensa periódica no Rio Grande do Norte de 1832 a 1908**. 2.ed. Natal: Fundação José Augusto/ Sebo Vermelho, 1998.

JORNAL DAS MOÇAS. Caicó, 11/04/1926, p.2.

_____. Caicó, 23/05/1926, p.4.

_____. Caicó, 04/04/1926, p.2.

_____. Caicó, 18/04/1926, p.4.

_____. Caicó, 23/02/1928, p. 4.

_____. Caicó, 31/07/1926, p. 2.

_____. Caicó, 15/08/1926, p.3.

MELO, Manoel Rodrigues de. **Dicionário da imprensa no Rio Grande do Norte (1907-1987)**. São Paulo: Cortez, Natal: Fundação José Augusto, 1987.

MONTEIRO, Pe. Eymard L'Eraistre. **Caicó**: subsídios para a história completa do município. 2. ed. Natal: Nordeste gráfica / Sebo vermelho, 1999.

MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. **Leituras de mulheres no século XIX**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SURTOS DE PROGRESSO. Jornal das Moças, Caicó, 07 fev.1926.

VIA-LÁCTEA. Natal. Ano I. n. 1. nov, 1914.

_____. Natal. Ano I. n. 3. dez, 1914.